



## A IDEOLOGIA MACHISTA PRESENTE EM DISCURSOS FEMININOS

**Victor Renato Raulino**

**Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)**

**Beatriz Caroline Meyer**

**Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)**

**Gleidiane Flor da Silva**

**Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)**

**Marly Krüger de Pesce**

**Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)**

**RESUMO:** Este artigo é um estudo realizado na disciplina de Análise do Discurso, área em que se investiga a linguagem enquanto prática social, e tem como objetivo investigar as marcas da ideologia machista que aparecem em discursos femininos. O referencial teórico é composto por autores como Drummond (1980), Fairclough (2001, 2008) e Orlandi (1999, 2001). Para a coleta do corpus da pesquisa foi realizada uma entrevista semiestruturada, orientada por 5 questões que visavam identificar se e como o machismo aparecia nos discursos das entrevistadas, que foram 3 mulheres de gerações e contextos sociais diferentes. A análise dos dados possibilitou inferir que as entrevistadas trazem em seus discursos marcas da ideologia machista, porém de forma pouco ou muito expressiva. No entanto, percebeu-se que, considerando a condição sócio-histórica de cada uma das entrevistadas, (17) e (34), por estarem inseridas em espaços de educação formal na atualidade e no mercado de trabalho e terem sido criadas para se inserirem nesses espaços, tendem a romper discursivamente com a ideologia machista que estrutura a sociedade, uma vez que utilizam argumentos feministas em seus discursos, o que evidencia a influência do movimento feminista e do debate sobre as questões de gênero na mudança discursiva e social. Já (77), por ter tido pouco acesso à educação e ter sido agricultora junto com o marido a vida inteira, além de ter se constituído como mulher em uma época em que seu papel social era casar e cuidar dos filhos, naturaliza e reproduz o machismo em seu discurso.

**Palavras-chave:** Ideologia machista; Análise crítica do discurso; Discurso feminino.

*The sexist ideology contained in female discourses*

**Abstract:** This article is a study carried out in the course of Discourse Analysis, an area in which the language is investigated as a social practice, and aims to investigate the marks of the sexist ideology that are contained in female discourses. The theoretical framework is composed of authors such as Drumont (1980), Fairclough (2001, 2008), Foucault (2000) and Orlandi (1999, 2001). In order to collect the corpus of the research, a semi-structured interview was carried out guided by 5 questions that aimed to identify

if and how the sexist ideology appeared in the speeches of the interviewees, who were 3 women from different generations and social contexts. Data analysis made it possible to infer that the interviewees reproduce the sexist ideology in their speeches, but in a little or very expressive way. However, it was noticed that, considering the socio-historical condition of each of the interviewees, (17) and (34), because they are currently inserted in the formal education and in the labor market, and have been created to insert themselves in these spaces, tend to discursively break the sexist ideology that structures society, since they use feminist arguments in their speeches, which highlights the influence of the feminist movement and the debate on gender issues in discourse and social change. While (77), for having had little access to education and having been a farmer and working with her husband all her life, in addition to having constituted herself as a woman at a time when her social role was to marry and take care of her children, naturalizes and reproduces the sexism in her speech.

**Keywords:** Sexist ideology; Critical Discourse Analysis; Female discourse.

## 1. Introdução

Dada a importância do discurso na construção e afirmação do social, este artigo tem por objetivo analisar em discursos femininos, de mulheres de gerações e realidades sociais diferentes, marcas que reproduzem a ideologia machista, presente há séculos na sociedade. Para tanto, serão utilizados autores como Drumont (1980), Foucault (2000) e Fairclough (2001, 2008) como o embasamento teórico sobre o campo ideológico, e ideologia machista e a Análise Crítica do Discurso, os temas principais que se busca tratar neste estudo.

A linguagem é parte constituinte do ser humano desde os primórdios. Entretanto, ao longo da história, a comunicação entre os indivíduos passou por processos de modificação que podem ser considerados como de sofisticação. Inicialmente, o homem primitivo utilizava imagens para se comunicar, posteriormente, a linguagem falada e escrita surge como meio de comunicação.

Desse modo, entende-se que a importância da linguagem está intrinsecamente ligada à comunicação, o que significa que comunicar está para além do simples ato de produzir fala ou escrita, mas sim de proferir enunciados que tenham significado e sejam entendidos em situações comunicativas. Nesse sentido, o discurso é a palavra em movimento, é a prática da linguagem (ORLANDI, 1999). Assim, o indivíduo, ao discursar, não só reproduz signos linguísticos, mas também expressa aspectos sociais e culturais que marcam esses discursos.

Segundo Foucault (2000), no discurso é construído o conhecimento e sustentada uma governabilidade baseada na produção de conceitos e de textos, naquilo que é possível dizer e naquilo que não é. Nessa perspectiva, segundo a visão foucaultiana, o discurso carrega em si marcas de poder que, por sua vez, são construídas no social.

Fairclough (1989), autor da Análise Crítica do Discurso, dispõe que o discurso tem poder construtivo triplo, pois é por meio dele que se produz e reproduz conhecimentos e crenças através de diferentes modos de representar a realidade, estabelece-se relações sociais e cria-se, reforça-se e reconstitui-se identidades.

Adiante, encontram-se os pressupostos teóricos, em que se discorre sobre a ideologia em Drumont e Foucault e sobre a Análise Crítica do Discurso em Fairclough; a metodologia utilizada nesta pesquisa; a análise dos dados coletados; e as considerações finais percebidas.

## **2. A Ideologia Machista**

Primeiramente, o conceito de ideologia apresentado é entendido como as significações/construções da realidade que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução e ou a transformação das relações de poder e dominação (FAIRCLOUGH, 2001, 2008).

A ideia de que se vive em uma sociedade patriarcal tem sido polêmica há muito tempo e isso se deve justamente à questão de que, enquanto do sexo masculino, os homens são tidos como seres superiores em relação às mulheres na sociedade. Partindo dessa premissa, Drumont (1980) define o machismo, fenômeno que conceitua a relação patriarcal da sociedade, como um sistema de representações simbólicas que mistifica as relações de exploração, de dominação e de sujeição da mulher ao homem.

Drumont (1980) afirma que, enquanto sistema ideológico, o machismo oferece modelos de identidade para os membros da sociedade, sejam eles homens ou mulheres. Além disso, é aceito por todos como um modelo normalizante por meio do qual homem e mulher tornam-se homem e mulher. A exemplo dessa aceitabilidade, pode-se analisar a formação e o desenvolvimento do sujeito na sociedade. Desde a infância, o menino e a menina entram em relações que independem de suas vontades, e que exercem papel fundamental na formação da sua consciência (DRUMONT, 1980).

A famosa filósofa francesa e feminista Simone de Beauvoir teorizou muito bem sobre essa ideia de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, defendendo que ser

mulher, dentro das questões de gênero, é uma construção social imposta pela sociedade machista e patriarcal que subjuga e objetifica a mulher como ser inferior e submisso ao homem.

Conforme Foucault (2000), o discurso carrega em si marcas de poder, ou seja, influências ideológicas que são construídas socialmente. Desse modo, ao aceitar o machismo como modelo ideológico normalizante, os indivíduos reproduzem aquilo que o machismo tem por essência: a hierarquização dos sexos que pode ser entendida como uma divisão de um sexo dominante e outro dominado.

Enquanto no menino é despertado o sentimento de superioridade por simplesmente ser macho, na menina ocorre o contrário. No que tange às relações sociais e profissionais, a menina é conduzida a atividades que não geram lucros financeiros, como o cuidado da casa e dos filhos, já o menino é orientado à profissionalização, a fim de conquistar bens e sustentar a família (DRUMONT, 1980).

Segundo Drumont (1980), o machismo é considerado como ideal a ser atingido pela sociedade de forma geral, o que o constitui como um sistema de representações-dominância que mistifica, utilizando o argumento do sexo, as relações entre homens e mulheres, considerados sexos hierarquizados — divididos em um polo dominante (homem) e um polo dominado (mulher).

Em dado momento de sua obra *A Ordem do Discurso*, Michel Foucault trata das apropriações sociais como meio pelo qual os indivíduos na sociedade têm acesso a discursos já socialmente fixados. Para Foucault (2000), o sistema de educação é um espaço político em que se pode manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. Nessa perspectiva, ter acesso a determinados discursos sociais não limita o indivíduo à reprodução desses discursos, mas também o possibilita transformá-lo.

Desse modo, a distribuição dos discursos na sociedade, seja ela realizada através dos rituais da palavra, das sociedades do discurso, dos grupos doutrinários ou das apropriações sociais, é um procedimento de sujeição do discurso. Assim, os discursos são apropriados pela sociedade por meio dos sistemas ideológicos que, devido ao seu papel na configuração social, transmitem para os indivíduos saberes e modos de ser específicos de ser e agir no mundo que, por sua vez, podem ser mantidos ou modificados (FOUCAULT, 2000).

Portanto, afirmada tal característica de sujeição e apropriação do discurso ideologicamente carregado pelo social, compreende-se que o machismo representa e

articula a dominação da mulher ao homem na sociedade, pois há muito tempo na história da humanidade tem sido pregado como uma norma fixada e de poder que determina os papéis sociais dos sujeitos no espaço social.

### **3. A Análise Crítica do Discurso**

O discurso, para a Análise Crítica do Discurso, denominada a partir de agora como ACD, é definido por Fairclough, em *Discurso e Mudança Social* (2001, 2008), como o uso da linguagem como prática social. A partir de tal definição, Fairclough entende que o discurso é um modo de ação, pela linguagem, por meio do qual as pessoas agem sobre o mundo e sobre os outros, e também é uma forma de representação de si, do outro e do mundo.

Ademais, propõe que o discurso é socialmente constitutivo posto que há uma relação dialética entre ele e a prática social. A estrutura social molda e restringe o discurso pelas classes sociais, pelas instituições, por normas e convenções, pelos sistemas de classificação, pela educação e assim por diante (FAIRCLOUGH, 2001, 2008). Assim, compreende-se o discurso como prática social que representa, significa, constitui e constrói o mundo em significado.

Fairclough (2001, 2008) aponta que o discurso tem três efeitos construtivos ou funções da linguagem e contribui para: a construção das identidades sociais (função identitária) — modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso — ; a construção das relações sociais (função relacional) — como as relações sociais são representadas e negociadas —; e a construção de sistemas de conhecimento e crença (função ideacional) — modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações (FAIRCLOUGH, 2001, 2008).

Ademais, Fairclough (2001, 2008) considera indispensável a concepção tridimensional do discurso para que se possa fazer a análise do discurso enquanto prática social. Assim, o autor apresenta, portanto, três partes a serem trabalhadas: a análise textual ou linguística (elementos estruturais), a análise da prática discursiva (produção textual, distribuição e consumo de textos), e a análise da prática social (relação com a estrutura social: ideologias, hegemonia e relações de poder).

No que tange à análise textual, Fairclough (2001, 2008, p. 103) diz:

A análise textual pode ser organizada em quatro itens: ‘vocabulário’, ‘gramática’, ‘coesão’ e ‘estrutura textual’. Esses itens podem ser imaginados em escala ascendente: o vocabulário trata principalmente das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em orações e frases, a coesão trata da ligação entre orações e frases e a estrutura textual das propriedades organizacionais de larga escala dos textos.

Em se tratando da prática discursiva, cujo objetivo é a investigação da produção, distribuição e consumo do texto, Fairclough (2001, 2008) parte da produção, afirmando que os textos são produzidos em contextos sociais específicos: um artigo científico é produzido mediante estudos realizados por estudiosos que se ocupam de, por meio da leitura de outros textos e autores, compreender, resolver problemas ou fazer indagações a respeito de algum fato. Quanto ao consumo dos textos, este se dá de diferentes formas a depender do contexto social, posto que depende do trabalho interpretativo que se deve aplicar a cada um deles (FAIRCLOUGH, 2001, 2008).

Por último, a respeito da distribuição, Fairclough (2001, 2008) afirma que os textos podem ter sua distribuição simples: uma conversa casual cuja duração pertence ao contexto imediato em que ocorre; ou distribuição complexa: textos oficiais (do governo, por exemplo), são produzidos para o consumo de múltiplos leitores, uma vez que têm por objetivo informar questões públicas. Já textos produzidos por linguistas podem ter como alvo apenas os leitores já adeptos ao consumo de tal material (estudos linguísticos).

Ainda na análise da prática discursiva, três itens são utilizados: os tipos de atos de fala (promessa, pedidos, ameaças, etc.) que marcam a ação social realizada; a coerência dos textos, responsável pelo sentido do texto e sua interpretação; e a intertextualidade neles contida, cuja importância está a nível de dar ao texto historicidade por meio dos diferentes textos nele presentes (FAIRCLOUGH, 2001, 2008).

Referente à análise da prática social, Fairclough (2001, 2008) retoma as contribuições do marxismo, de Althusser e Gramsci sobre ideologia e hegemonia a fim de considerar que, enquanto prática social, todo discurso carrega em si marcas ideológicas. No entanto, com auxílio do conceito de hegemonia de Gramsci, Fairclough (2001, 2008) discorda de Althusser e acredita que o indivíduo tem a possibilidade não só de aceitar a ideologia imposta pelo social, mas também de desafiá-la.

O conceito de hegemonia nos auxilia nessa tarefa, fornecendo para o discurso tanto uma matriz – uma forma de analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder, isto é, se essas relações de poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias

existentes - como um modelo – uma forma de analisar a própria prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes (FAIRCLOUGH, 2001, 2008, p. 126).

Em suma, segundo a ACD, o discurso deve ser analisado com base em três dimensões: o texto, a prática discursiva e a prática social, observando-se seus aspectos linguísticos, recursos interpretativos utilizados e as marcas ideológicas nele contidas. Portanto, a ACD configura-se como uma abordagem teórico-metodológica que objetiva investigar a maneira como o discurso funciona na reprodução, manutenção e transformação do meio social, sendo o sujeito da linguagem capaz de ressignificar e reconfigurar as formações discursivas e, conseqüentemente, sociais.

#### **4. Metodologia**

A metodologia deste trabalho baseou-se na coleta de dados por meio do instrumento entrevista semiestruturada, na qual o pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, mas em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir a discussão para o assunto que o interessa, podendo fazer perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o entrevistado tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele (BONI; QUARESMA, 2005).

Orientados por 5 perguntas abertas, os autores entrevistaram 3 mulheres a título de identificar os traços da ideologia machista presentes em suas falas. Para tanto, foram elaboradas estas 5 perguntas, feitas às entrevistadas: 1) Para você, qual é o papel da mulher na sociedade de hoje?; 2) Quais são as suas responsabilidades no ambiente familiar?; 3) Você conhece alguém que já sofreu violência doméstica? Poderia falar um pouco sobre isso?; 4) O que você acha de uma mulher que gosta de usar roupas curtas e que se relaciona com vários/alguns homens ao longo de sua vida?; 5) Você se considera machista em certos momentos? Por quê?

As entrevistadas eram mulheres de gerações e de realidades sociais muito diferentes: a mais jovem tem 17 anos, é estudante e trabalha em uma gráfica; a outra tem 34 anos, é professora de artes do ensino fundamental I em uma escola municipal e é mãe solo; já a mais velha tem 77 anos, é agricultora aposentada e é viúva. Todas residem em

Joinville (SC) e região. Na análise dos dados, as entrevistadas serão identificadas respectivamente como (17), (34) e (77).

A diferença geracional foi proposital, com o intuito de se comparar possíveis divergências nos discursos das entrevistadas, relacionadas a valores, criação e costumes de sua época, considerando que o ser humano é um sujeito sócio-histórico fruto de seu tempo.

Com base nas transcrições das entrevistas realizadas com o total consentimento das participantes, será realizada uma análise dos seus discursos à luz do apanhado teórico discutido no capítulo anterior.

## 5. Análise das entrevistas

Os dados analisados a seguir tem como corpus 3 entrevistas realizadas com 3 mulheres de diferentes idades, tendo elas 17, 34 e 77 anos. A primeira é estudante, a segunda é professora e a terceira é agricultora aposentada. A partir da coleta das entrevistas em gravação de áudio e da sua transcrição, realizou-se a análise dos discursos coletados com a finalidade de se identificar os traços machistas contidos nas falas das entrevistadas, diante de 5 perguntas a respeito da figura da mulher na sociedade. A análise está organizada por essas 5 perguntas.

Inicialmente, a primeira pergunta da entrevista dizia: “Para você, qual é o papel da mulher na sociedade de hoje?”. Em resposta à questão tem-se as seguintes falas:

(17) *“Hoje em dia a gente pode fazer o que a gente quiser, não tem um papel definido. Se a gente quiser trabalhar, a gente pode, se quiser ser dona de casa pode, vai dela.”*

(34) *“O papel, ele vem se transformando, né, na verdade, a mulher que escolhe a que posição hoje ela fica, né? [...] Ela não tem mais obrigação de ser a mãe. Ela não tem obrigação mais de ser a esposa, ela escolhe o papel que deseja desempenhar.”*

(77) *“Ajuda(r) o marido, não acha? [...] Você está junto, casado. Ajudar o marido... E se tem filhos, cuidar dos filhos.”*

Percebe-se que as entrevistadas (17) e (34) colocam-se contra os ideais machistas que orientam a sociedade, uma vez que apontam que o papel da mulher a ser desempenhado é de sua própria escolha. Por outro lado, a (77), provavelmente por ser de uma época muito mais conservadora, mostra-se regulada pela normatização patriarcal ao afirmar, por mais de uma vez, que a função da mulher na sociedade é ajudar o marido e cuidar dos filhos, ou seja, ser esposa e ser mãe e dedicar-se à família.



Essa diferença nos discursos das entrevistadas com base em sua idade pode ser fundamentada na teoria histórico-cultural de Vigotski (1996), que entende o homem como produto das suas múltiplas relações sociais, baseadas na linguagem e determinadas pela história e pela cultura. Ou seja, é preciso analisar os discursos das participantes a partir de seu contexto sócio-histórico de vida, como sujeitos de seu tempo (PESCE, 2003).

A análise da prática discursiva das entrevistadas evidencia o contato de (17) e (34) com o discurso feminista, em uma relação de interdiscursividade, pois elas demonstram ter a ideia bem clara de que o lugar da mulher é onde ela quiser. Entende-se o feminismo como o movimento filosófico, social e político, iniciado no século XIX, que luta pela igualdade de gênero, ou seja, a igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres (NEVES, 2022). Já a análise da prática discursiva e social de (77) mostra a incorporação da ideologia machista em seu discurso, que aparece de forma explicitamente naturalizada.

Orlandi (2001), com base Pêcheux, aponta que esse interdiscurso, complexo de formações ideológicas, é da ordem do inconsciente, o lugar de discurso do Outro, o que se relaciona ao seu conceito de esquecimento: o modo como somos afetados pela ideologia, que nos dá a ilusão de sermos autônomos em nossos discursos e nos faz retomar sentidos já pré-existentes de forma naturalizada (ORLANDI, 2001). Fairclough (2001, 2008) também explica que os fundamentos ideológicos do discurso têm se tornado tão naturais ao longo do tempo, que começam a ser tratados como aceitáveis e comuns.

Além disso, conforme Foucault (2000), a apropriação dos discursos é influenciada pelo sistema educacional que, para o autor, é um espaço político que permite ao indivíduo manter ou modificar tais apropriações ideológicas fixadas na esfera social. Assim, pode-se inferir que, (17) e (34), por estarem inseridas em espaços de formativos em que discussões sobre o machismo e o feminismo são realizadas com maior frequência, modificam em suas falas aquilo que pela entrevistada (77), pouco escolarizada, é visto e é reproduzido com normalidade.

A questão 2 da entrevista era: “Quais são as suas responsabilidades no ambiente familiar?”. As respostas obtidas foram:

(17) *“Estudar, ajudar em casa...Fazer um pouco de tudo, na verdade, depende muito do dia da semana. [...] Em alguns dias, fazer o almoço, pagar conta, limpar, ajudar a limpar a casa, coisas desse tipo.”*

(34) *“Quando essa mulher hoje escolhe ter a família, está dentro e né, dentro do ambiente familiar que a maioria, logicamente que o papel e as funções delas vão estar relacionadas*

*ao cuidado da casa, ao cuidado dos filhos, né? A doação do seu tempo, das suas, das suas atividades ao cuidado do outro. Isso é fato, né? Historicamente, a mulher nasce para cuidar do outro. Ela nasce para fazer companhia, né para o homem no caso, então. [...] para mim não funciona assim. Eu tive a possibilidade de escolher hoje, na minha vida adulta, onde seria o meu lugar, mas sim, eu fui criada para servir, para cuidar, né, inicialmente, dos meus irmãos, né, possivelmente de um marido.”*

*(77) “Nem quero contar. Eu digo difícil, minha vida foi difícil, né? [...] Ai, eu tinha muitas responsabilidades, cuidar dos filhos. [...] No trabalho. Quando... Quando não dava, daí tinha que ficar com os filhos em casa, se não depois... Depois, quando eu tinha que botar eles pra aula, tinha que levar para aula. Primeiro, ensinar eles o caminho. [...] Tinha que cuidar e fazer o serviço de casa. Como eu tinha gado, daí criava, cuidava do gado, galinha, porco, tudo.”*

As falas indicam que a entrevistada (17), apesar de realizar atividades domésticas, não parece se sujeitar à posição de mulher que cuida da casa, mas sim de uma filha que ajuda com os afazeres familiares. A (34), por sua vez, mostra-se um tanto controversa, posto que entende que a função da mulher está relacionada à doação de si e ao cuidado do outro. Apesar de tal fala, ela afirma não viver tal concepção, o que indica que sua fala é constituída por inferências sociais que marcaram sua criação. A respeito disso, Drumont (1980) afirma que em termos de relação social, a menina é criada com o imaginário voltado a atividades que dizem respeito ao cuidado da casa e dos filhos, enquanto o menino é provocado a se profissionalizar.

Por fim, a (77) demonstra-se totalmente orientada pela ideologia machista que atribui à mulher a educação dos filhos e o cuidado e os afazeres domésticos, dos quais ela afirmou que tinha que dar conta sozinha. Ela também afirmou que teve uma vida muito difícil como agricultora e dona de casa, e que sua mãe sofreu muito com a condição de sua filha, pois ela teve que trabalhar muito e sua mãe não queria isso. Apesar de não reconhecer o machismo em si, ela percebe seu sofrimento e a forma como a sociedade oprime as mulheres, delegando a função de cuidado dos filhos à mulher, isentando a necessidade da participação masculina.

Pela análise da dimensão textual, a (34) reconhece que foi criada para servir e cuidar, sendo que repete as palavras “cuidar” e “cuidado”, e que “*Historicamente, a mulher nasce para cuidar do outro.*” No entanto, ela tem consciência de que conseguiu romper com esse discurso, pois afirma que “*Eu tive a possibilidade de escolher hoje, na minha vida adulta, onde seria o meu lugar*”, mesmo tendo tido uma criação machista. Sua fala vai ao encontro da assertiva da ACD de que o discurso tem poder constitutivo, porque, através de seu uso, os indivíduos constroem, mantêm ou transformam realidades

sociais, isto é, criam, reforçam ou modificam formas de conhecimento e crença, relações e identidades sociais. De acordo com Melo (2011), o sujeito da linguagem está em uma posição intermediária, situada entre a determinação estrutural e a agência consciente, a partir do momento em que conhece as estruturas discursivas e então consegue modificar a ordem do discurso.

Com isso, ela reproduz na fala a função que a sociedade impõe à mulher, o cuidar do outro, e generaliza a figura da mulher, desconsiderando suas diferentes realidades, o que é típico do discurso machista. No entanto, ao mesmo tempo, acredita ter sido um exemplo de rompimento desse discurso, o que só foi possível porque teve a oportunidade de escolher qual seria seu caminho. Cabe aqui a reflexão: quantas mulheres não têm essa possibilidade?

Essa mudança discursiva está relacionada à problematização das convenções sociais e à luta hegemônica (entre grupos sociais dominantes e dominados e que inclui instituições da sociedade civil, como as educacionais), dependendo da natureza da prática social, que pode articular novas hegemonias discursivas (FAIRCLOUGH, 2008). Isso reflete nas diferenças no discurso e, principalmente, na vida das entrevistadas, pois diferente das outras, a (77) — agricultora — não teve a possibilidade de estudar para seguir uma profissão ou de trabalhar fora e ter sua independência financeira, o que também poderia ter modificado sua mentalidade. Isso mostra o advento do movimento feminista nas diferentes instituições sociais, bem como os importantes avanços sociais nas questões de gênero e seu impacto na vida das mulheres.

A terceira pergunta da entrevista tinha o seguinte enunciado: “Você conhece alguém que já sofreu violência doméstica? Poderia falar um pouco sobre isso?”. Para esta pergunta foram obtidas as seguintes respostas:

(17) *“Não que a pessoa já tenha me dado um depoimento, só comentou que sim, mas não quis se aprofundar no assunto.”*

(34) *“Sim, várias, né? [...] Eu presenciei várias dentro da minha casa, né? [...] Acredito que até eu como mulher, já sofri violência, né? Então assim ninguém está ileso, nenhuma mulher está ileso a sofrer uma violência. [...] Quando você é criança, você sofre várias. Quando se começa a crescer, você sofre várias também. E não é só a doméstica, né? No teu ambiente de trabalho, nas suas, no seu círculo de amizade, nas suas relações, se sofre, né? Quem nunca escutou a piadinha, né? Que a mulher não sabe dirigir? O que a mulher não? Como não faz determinadas coisas. São também violências.”*

(77) *“Eu não sofri violência doméstica. [...] A minha mãe sofreu. [...] Ela não se deixava bater. Ele [pai] queria sempre bater nela, porque ele bebia, então ela começava a brigar*

*com ele, quando ele chegava bêbado. Não bebia todo dia assim, mas quando ia pro boteco, saía assim, mas... Se passava no boteco, parava e tomava as dele, daí vinha meio embriagado, não era todo dia, né? Mas... Ela brigava com ele, daí ele ficava bravo. Ele ficava bravo e ficava um bicho bravo mesmo.”*

A entrevistada (17) demonstra conhecer vítimas de violência doméstica, mas prefere não comentar os detalhes. Já entrevistada (34) parece perceber a constante ameaça à integridade feminina presente na sociedade atual, pois seu discurso expressa que ela possui consciência dos diferentes modos de violência aos quais as mulheres são expostas durante suas vidas, incluindo-se neste grupo. Quando ela fala que “nenhuma mulher está ileso a sofrer uma violência”, ela generaliza o significado da palavra “violência”, dando exemplos de outras violências, como a psicológica e o assédio, expressando a interdiscursividade com as questões de gênero, que desnaturalizam e problematizam a violência de gênero.

A partir dos conceitos apresentados por Fairclough (2001, 2008), o discurso apresentado pela entrevistada (34) apresenta marcas de reconhecimento da ideologia machista a qual foi exposta durante sua vida, tanto dentro do ambiente familiar quanto fora dele. O ato de reconhecer que nenhuma mulher está livre de sofrer algum tipo de violência faz com que a hegemonia masculina, presente na ideologia machista, configure-se como plano de fundo para suas respostas, de forma que ela a naturalizou. Assim, ela demonstra ter consciência da hegemonia machista na sociedade, conceito definido por Fairclough tanto como a liderança quanto a dominação nas diferentes esferas sociais, como a política, a economia e a cultura, de um grupo dominante sobre grupos dominados.

Já a entrevistada (77) apresenta um discurso com relatos mais íntimos acerca da violência doméstica sofrida por sua mãe. Sua exposição revela um discurso conhecido: o homem que agride a esposa e culpa o consumo de bebidas alcoólicas. Essa ideia de que a bebida alcoólica é a causadora da violência doméstica é uma falácia conhecida, pois por trás desse discurso mentiroso, existe uma ideologia machista que promove a virilidade agressiva masculina e a fragilidade feminina no imaginário coletivo para perpetuar as relações de gênero baseadas na dominação e na subordinação das mulheres. É esse mecanismo de construção da realidade, de forma naturalizada, entre outros fatores, que promove a perpetuação da violência doméstica até os dias de hoje e, sua “aceitação” na sociedade como algo normal, em falas como “em briga de marido e mulher não se mete a colher”.

Além disso, ainda na fala de (77), percebe-se a posição intermediária do sujeito da linguagem para a ACD, que ao mesmo tempo em que sofre uma determinação inconsciente das estruturas sociais e é interpelado pela ideologia, trabalha sobre essas estruturas, a fim de modificá-las conscientemente. A mãe de (77) sofria a opressão do machismo em sua forma mais aparente, pela violência doméstica, mas enfrentava o marido, como uma forma de resistência a essa relação de poder desigual que se perpetua no matrimônio, lugar em que a mulher sempre foi objetificada e tratada como posse.

Na sequência da entrevista foi realizada a seguinte pergunta: “O que você acha de uma mulher que gosta de usar roupas curtas e que se relaciona com vários/alguns homens ao longo de sua vida?”. Para esta pergunta foram obtidas as seguintes respostas:

(17) *“Acho que ela é bem decidida na vida do que ela quer. Se ela quer isso, problema dela. [...] Não acho que tenha nenhum problema, porque ela é bem decidida. E se ela gosta de se vestir assim, não sou eu que vou falar que está errado. É questão de gosto também. Se ela gosta do que ela está vestindo, se ela gosta de ser livre para ficar com quem ela quiser, desde que esteja tudo dentro da lei, tudo certo.”*

(34) *“Eu acho que é uma escolha dela, né? Somos, é, são escolhas. Se ela se sente bem, se ela gosta, se ela... são escolhas, acho que assim a roupa em si não determina nada, a vestimenta em si não determina nada do posicionamento da pessoa, não determina nada. Ela deve ser respeitada, ser considerada como qualquer outra pessoa, se estiver de roupa curta, roupa comprida, de ponta cabeça, enfim, não, não muda nada, né? [...] Normal, a gente se relaciona, tem amizades, né? A nossa vida, ela não é mais um ciclo curto, ela ela é um ciclo mais extenso, acredito que seja normal. [...] Acredito que seja normal, ninguém é obrigado a, né? Fazer uma escolha e ser eternamente aquela escolha. Lógico que se você tiver confortável, é feliz assim, mas ninguém é obrigado a ficar numa relação que não lhe cabe mais.”*

(77) *“[...] isso eu não gosto. Não, não. Está errado, completamente errado. [...] Isso eu não acho certo. Completamente errado, isso não se faz, tem muito disso aí eu acho, são vagabundas mesmo. Que uma mulher que é certa para o marido não faz essas coisas. [...] Mulher não deve usar roupa curta. É feio.”*

Seguindo o mesmo padrão já apresentado nas respostas das perguntas anteriores, a entrevistada (17) e a entrevistada (34) apresentam em seus discursos marcas da ideologia feminista bem claras, enfatizando o poder de escolha da mulher com relação a sua forma de vestir e a sua liberdade sexual. Em contrapartida, o discurso da entrevistada (77) sugere um olhar dominado pela ideologia machista. A reprovação de outras mulheres devido às suas escolhas no que tange a vestimentas apresenta a ideia de que a mulher deve ser recatada e modesta. Mas sua fala mais impactante ocorre quando usa o termo “vagabundas” para referir-se a mulheres que trocam de parceiro ao longo de sua vida.

Apesar de pesado, o termo é utilizado muito comumente para mulheres que são detentoras de uma moral sexual que não segue os padrões da sociedade patriarcal, que espera que a mulher seja “bela, recatada e do lar” e aceite ficar em relacionamentos tóxicos e infelizes para o resto de sua vida.

Com isso, a interpretação da leitura da situação permite ressaltar ou diminuir aspectos da identidade social dos participantes, como seu gênero e idade. Assim, o efeito do contexto de situação sobre a interpretação textual depende da leitura da situação. Isso deve ser levado em conta ao se comparar a diferença gritante entre o discurso das duas participantes mais jovens e a participante mais velha, com histórias de vida muito diferentes e que viveram em sociedades com valores e costumes diferentes. Para Fairclough (2008), a leitura da situação está inserida na dimensão da prática discursiva, pois considera que os textos são produzidos e consumidos de formas particulares em contextos sociais específicos. Isso depende do trabalho interpretativo que neles se aplica, dos recursos sociocognitivos que os participantes têm interiorizados e trazem consigo para o processamento textual, do próprio texto e das ordens do discurso que foram construídas mediante a prática e a luta social passada, fatores essenciais a serem considerados em uma análise de discursos diferentes.

A última pergunta da entrevista tinha como enunciado: “Você se considera machista em certos momentos? Por quê?”. As respostas obtidas foram as seguintes:

(17) *“Sim, porque tem alguns momentos que a gente pensa que não seria capaz de fazer algumas coisas, mas daí a gente vai lá e faz e dá tudo certo, mas não quer dizer que o pensamento não vem. [...] Aquelas tradicionais frases tipo “mulher no volante, perigo constante”, me dá um pouco de receio futuramente e coisas assim que me incomoda, mas eu sei que é errado e eu espero que as pessoas não falem isso, se não, né? [...] Involuntariamente, todo mundo tem [pensamentos machistas], mas não que eu vá expressar eles porque, né, eu tenho consciência de que isso é errado, mas vem na cabeça, né.”*

(34) *“Eu fui criada, né, numa casa machista eu fui, e numa família. Meu pai é extremamente machista, e apesar dos meus irmãos não serem assim tão. Mas eu fui criada num lar machista, né? A minha avó [...] considerava e tratava melhor os meninos, né? [...] Os meninos eram servidos, os meninos eram tratados totalmente diferente das meninas. E a minha avó materna, é um fato que eu não esqueço. Quando eu fiz 12 anos, ela me deu o início do meu enxoval. Ela me deu vários potinhos de sobremesa, né? É sim, lógico que a gente considera o tempo dela, mas por ela também seria criada para casar, né? Foi a intervenção da minha mãe que falou assim, não, né? “Eu já fui criada assim para casar, minha filha vai ser criada para estudar, para ser independente, para fazer outras coisas”. [...] Eu sou, né, mãe solo, dou conta da minha filha. Às vezes a gente faz críticas diretamente a elas, né, em relação à mãe das crianças e não é só à mãe, né, elas têm pai. Eles convivem com outras pessoas, então às vezes a gente tem essas falas*

*machistas em desenvolver só o cuidado em relação à mãe, né, não a família em si e o pai também.*”

(77) “*Eu não me considero machista. [...] Eu acho que não, que eu sou... tô certa, penso eu. O que eu falo tá certo, não sou machista, acho que, né? [...] Eu não me acho machista, mas eu só falo as coisas que eu penso que está certo. É isso que eu sou, assim eu sou.*”

Apesar das falas anteriores indicarem a presença da ideologia feminista em seus discursos, a entrevistada (17) e a entrevistada (34) admitem em suas respostas que, em certos momentos, têm pensamentos e reproduzem discursos machistas. Em controvérsia, a entrevistada (77), que apresentou em suas respostas anteriores um discurso marcadamente machista, contraditoriamente respondeu que não se considera machista, pois apenas defende o que é certo.

É interessante comentar como a fala de (34) evidencia a construção social do que é ser mulher, presente desde a sua criação na infância, e a sua reinvenção a partir da intervenção de sua mãe. Para a ACD, nenhum enunciado é novo: cada enunciado é pleno de ecos de outros enunciados e é uma resposta aos enunciados precedentes. A língua se inscreve na história e por ela é afetada, sendo que os sentidos são condicionados pelo contexto histórico e espacial de sua época. A materialidade da ideologia é o discurso, cuja materialidade é a língua. Portanto, o discurso é o acontecimento onde se dá a relação língua-ideologia (FAIRCLOUGH, 2008; ORLANDI, 2001).

Em todas as três falas aparece a naturalização do discurso machista, como quando (17) afirma que “*Involuntariamente, todo mundo tem [pensamentos machistas]*”, (34) que “*às vezes a gente tem essas falas machistas em desenvolver só o cuidado em relação à mãe*” e (77) que “*Eu não me acho machista, mas eu só falo as coisas que eu penso que está certo*”.

Para Fairclough (2008), o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo nas relações de poder. A ACD partilha da concepção de que muitas das relações entre a linguagem e as estruturas sociais são opacas, ou seja, passam despercebidas pelos indivíduos, são tidas como naturais. Os processos de produção e de interpretação textual geralmente ocorrem de maneira inconsciente e automática, o que é um fator importante para determinar sua eficácia ideológica. É o que ocorre mais fortemente no discurso de (77). Assim, os fundamentos ideológicos do discurso machista se tornaram e têm permanecido durante séculos como o “normal”, como traços aceitáveis e inerentes ao discurso.

No entanto, as duas primeiras participantes parecem ter consciência dessa naturalização do machismo, enquanto que a (77) parece nem compreender bem o conceito de machismo. Isso tem relação com a ideia Foucaultiana (2000) de que saber é poder: fruto de relações de luta, gerador de relações de poder, instrumento de guerra, meio de dominação e de resistência, etc. Diante disso, o fato de que as entrevistadas mais jovens têm consciência de que também reproduzem o discurso machista é o que as permite romper com ele e incorporar os ideais do discurso feminista, diferentemente da (77), que reproduz o discurso machista fielmente, apesar de não o reconhecer, o que ocorre de forma alienada. Aqui é possível fazer uma associação como a escolarização e a profissionalização são fatores importantes para perceber as ideologias que nos interpelam e, a partir disso, romper com elas, especialmente para as mulheres, uma vez que possibilitam a elas o acesso a espaços anteriormente restritos aos homens (educação e trabalho), além da autonomia sobre suas vidas.

É essa tomada de consciência do próprio discurso e da sua relação com as ideologias, relações de poder e estruturas sociais o grande objetivo da ACD: revelar como o poder é exercido pela linguagem e romper com as ideologias reproduzidas no discurso e a hegemonia que produzem. Entendendo que os textos apresentam traços e pistas das rotinas sociais que revelam essas relações, o objetivo metodológico do analista crítico é investigar esses traços e pistas na intenção de tornar visíveis as relações entre a linguagem e outras práticas sociais, que são dadas como naturais, expondo elementos indiciais reprodutores da organização social, que privilegia certos grupos e indivíduos em detrimento de outros, por meio de formas institucionalizadas de ver e avaliar o mundo (ideologias) ou de preservação de poderes (hegemonia) de grupos dominantes (MELO, 2011).

## **6. Considerações Finais**

Sendo assim, o discurso é o acontecimento em que se dá a relação entre língua e ideologia, é a prática da linguagem, sendo que sua materialidade, a língua, se inscreve na história e por ela é afetada, onde os sentidos são condicionados pelo contexto histórico e espacial de sua época de uso (FAIRCLOUGH, 2008; ORLANDI, 2001).

Diante da importância do discurso na construção e na afirmação do social, e da presença constante do machismo em nossa sociedade, este artigo analisou em discursos femininos, de mulheres de gerações e realidades sociais diferentes, marcas que



reproduzem a ideologia machista, presente há séculos na sociedade, à luz da teoria da Análise Crítica do Discurso.

Após a análise das entrevistas, foi possível perceber que traços da ideologia machista estão presentes no discurso de todas as entrevistadas, porém aparecem muito ou pouco, dependendo da participante. É importante ressaltar que essa diferença é fruto da construção de cada sujeito do discurso, sendo necessário um olhar cuidadoso acerca do contexto de vida e qual o lugar de fala desse sujeito sócio-histórico, que é formado pelo seu meio social, mas também o modifica.

Enquanto a entrevistada (77) apresenta um discurso fortemente marcado pela ideologia machista, as outras duas entrevistadas, (17) e (34), embora apresentem traços da ideologia machista em algumas falas, têm um discurso bastante marcado pela ideologia feminista e demonstram ter consciência da naturalização do machismo na sociedade e entre as mulheres. Essa conclusão é válida para a reafirmação de que a história de vida e o grau de escolarização são fatores determinantes na definição dos discursos que são produzidos por cada sujeito.

De forma geral, a entrevistada (17) apresentou falas bem atuais, sob a influência do feminismo, mas pareceu estar um pouco alheia à opressão do machismo que mulheres de outras realidades que não a sua sofrem. Já a entrevistada (34) demonstrou ser a mais consciente da presença e da influência da ideologia machista na vida da mulher, por ter tido acesso a valores e discursos de gerações diferentes e ter consciência disso. Tendo sido criada em uma época com valores machistas, ela apresenta sinais de rompimento com esse discurso, por ter tido acesso à educação, ao mercado de trabalho e pela intervenção de sua mãe para romper o ciclo familiar do machismo, o que reflete as mudanças sociais e discursivas de sua geração.

Por fim, a participante (77) apresentou falas muito machistas, apesar de não se reconhecer como machista, o que expressa seu desconhecimento sobre o próprio machismo e a interpelação ideológica que sofre, típico de uma mulher de sua geração/contexto sócio-histórico. Porém, ao mesmo tempo, ela demonstra ter consciência das opressões que vivenciou e de como a vida da mulher era difícil em seu tempo, mas não consegue reconhecer o impacto dessas consequências negativas como fruto do machismo, pois continua defendendo a perpetuação da prática social e dos valores machistas pelas próprias mulheres. Com isso, salienta-se como as mulheres também são responsáveis pela perpetuação do machismo na sociedade e que o rompimento dessa ideologia só é possível pela tomada de consciência do próprio discurso, das forças e

relações de poder que ele reproduz, pois como diz Simone de Beauvoir, “o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”.

Dessa forma, esse estudo demonstrou a função da Análise Crítica do Discurso, que se interessa pela investigação de como os sistemas linguísticos funcionam na representação da realidade, na construção de relações e identidades e na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias, em busca da promoção da transformação social (MELO, 2011), fenômeno percebido na fala das entrevistadas, pela mudança discursiva entre elas, a qual é fruto de lutas e mudanças sociais pelos direitos da mulher, que não podem ser esquecidas.

## Referências

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, jan-jul, p.68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo, 1980, p. 81-85 Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108171/ISSN1984-0241-1980-3-81-85.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001. P. 89-131. 2008 (reimpressão).

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 6. ed. SP: Loyola, 2000.

MELO, Renato de. **O silêncio faz sentido**. 2011. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_146.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_146.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PESCE, Marly Krüger de. **A teoria histórico-cultural**. 2003. Joinville: UNIVILLE. 2017 (revisão).

SILVA, Daniel Neves. O que é feminismo? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-feminismo.htm>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. SP: Martins Fontes, 1996.